



Deputados querem ouvir Conselho de Administração do Hospital sobre deficiências no serviço Foto de arquivo: Joaquim Dâmaso

Parlamento quer ouvir administração do Centro Hospitalar de Leiria

O Conselho de Administração do Centro Hospitalar de Leiria deverá ser chamado ao Parlamento para explicar a situação vivida nas urgências do Hospital de Leiria. Essa audição deverá acontecer dia 15 de março.

O Conselho de Administração (CA) será ouvido por iniciativa de António Sales, coordenador do PS na Comissão de Saúde, que solicita essa audição depois de, a semana passada, o PSD ter reclamado a presença de Marta Temido, ministra da Saúde, para dar explicações sobre a situação vivida naquela unidade hospitalar. Marta Temido deverá ser ouvida no Parlamento, também no dia 15. Estes são dias decisivos para o Hospital de Leiria. Na tarde de ontem, quarta-feira (já depois do fecho desta edição), o assunto deverá ter sido debatido numa reunião da ministra da Saúde, Marta Temido, com Raul Castro, presidente da Câmara de Leiria e António Sales. Esta é a reunião que faz depender uma tomada de posição pública do deputado António Sales sobre a situação no Hospital. O parlamentar que também é médico, adianta ao REGIÃO DE LEIRIA entender ser “importante” esperar pela reunião com a responsável ministerial na área da saúde para se pronunciar.

Entretanto, também na noi-

te desta quarta-feira, dia 6, um plenário de médicos, em Leiria, deverá ter analisado a situação vivida no Hospital. A reunião terá contado, com a presença de Miguel Guimarães, bastonário da Ordem dos Médicos. E para hoje, quinta-feira, está programada uma reunião entre a Ordem dos Médicos e a Administração do CHL.

Faltam 230 enfermeiros

Têm-se somado as críticas à forma de funcionamento do serviço de urgências do Hospital de Leiria. A Ordem dos Médicos, bem como o Sindicato Independente dos Médicos, denunciaram a falta de condições e de recursos para o desempenho das funções. A este rol soma-se a preocupação manifestada esta semana ao REGIÃO DE LEIRIA, por Ricardo Matos, presidente do Conselho Diretivo Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros. “O Hospital tem um défice de enfermeiros na casa dos 230, é assustador”, afirma. Ricardo Matos lembra que este não é o número de enfermeiros que a Ordem entende ser necessário, mas antes o que o próprio Conselho de Administração admite ser indispensável. Este responsável lembra que já em 2016 visitou o Hospital de Leiria e ficou impressionado com o que encontrou. Na altura, “recebemos uma denún-

cia com 300 assinaturas de enfermeiros daquele centro hospitalar a manifestarem-se preocupados com a gestão”, lembra. Da visita, recorda, saiu um relatório “um pouco assustador”, enviado à tutela mas que não recebeu resposta. Em suma, a situação que se vive no serviço de urgências “é a mais preocupante que se vive na região Centro”, diz. Ricardo Matos adianta ter sido surpreendido com “a falta de preocupação” do Conselho de Administração, confessando que a situação atual “não me surpreende”. “É impossível prestar os cuidados de saúde que deviam de ser prestados”, afirma. E deixa um exemplo: “a situação na zona amarela é assustadora, tem capacidade para 20 [doentes] mas tem 70, em macas”. Ricardo Matos confirma que tem recebido dezenas de declarações de responsabilidade, à semelhança do já denunciado pela Ordem dos Médicos. Trata-se de um documento em que o enfermeiro declina a responsabilidade pelas condições em que está a exercer funções.

“Estou muito preocupado, sobretudo pelo défice de planeamento a médio e longo prazo” no Hospital de Leiria, diz. Este responsável da Ordem dos Enfermeiros adianta ter agendada uma visita àquela unidade hospitalar para daqui a duas semanas:

“espero encontrar respostas por parte do CA”.

A situação vivida em Leiria já tem, igualmente, repercussões no vizinho distrito de Santarém. Dia 25 de fevereiro, em comunicado, a distrital de Santarém do PSD, recordou que “a situação caótica do Hospital de Santo André em Leiria, afeta também os utentes em geral do norte do distrito de Santarém e em particular do concelho de Ourém”. Sublinhando que o “Hospital Público de Leiria está sobrelotado”, a distrital social-democrata exigiu ao Governo que “invista no Centro Hospitalar do Médio Tejo, nomeadamente reabrindo a valência de Urgência Médico-Cirúrgica da Unidade Hospitalar de Tomar”.

Atendimentos em queda

Dois dias depois, a 27, os diretores de serviço da área clínica do Centro Hospitalar de Leiria divulgaram uma declaração pública sobre a “complexa situação” vivida no Serviço de Urgência (SU), exigindo uma resposta da tutela para o problema. Para além de apontarem a “necessidade da implementação de um conjunto de medidas urgentes para as quais manifestam toda a disponibilidade para colaborar”, os diretores de serviço deixam ainda exigência de uma “resposta adequada” para o problema,

“



O caos é de tal ordem que é impossível com o número de enfermeiros atual prestar cuidados de qualidade e com segurança”

Ricardo Matos

Presidente do Conselho Diretivo Regional do Centro da Ordem dos Enfermeiros

direcionada “aos organismos da tutela”. A declaração reconhece “a gravidade dos problemas” do serviço que tem estado “sobrecarregado pelo elevado número de doentes que a ele têm ocorrido ao longo dos últimos meses”.

Todavia, os números parecem indicar que a capacidade de resposta dos serviços poderá ter atingido o seu limite, iniciando uma curva descendente. De facto, e de acordo com os mais recentes dados disponíveis no portal da Transparência do SNS, o número de Atendimentos em Urgência Hospitalar por Triagem de Manchester tem vindo a decrescer. Quando comparados com o mesmo período no ano anterior, o número de atendimentos tem caído. Em novembro, desceu 1,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Esse decréscimo foi de 2,6% em dezembro. Em janeiro deste ano, com menos 1.150 atendimentos que no primeiro mês de 2018, a queda foi de 6,4 por cento. O REGIÃO DE LEIRIA questionou o CA do CHL sobre esta descida, solicitando ainda indicação sobre o número de médicos contratados e daqueles que deixaram o Hospital nos últimos meses, bem como sobre a eventual contratação de mais clínicos. Contudo, não obtivemos resposta até à data de fecho desta edição. CSA